



Sem Rei não há UNIÃO NACIONAL

ANO V

N.º 30

São Paulo, Janeiro-Fevereiro de 1960 — Caixa Postal, 1304

Director — A. VEIGA DOS SANTOS

Redactor-Chefe — Arlindo BAPTISTA PEREIRA

Bases da Educação

1. No fundo dêse barulho "dirigido", com relação ao projecto de **Directrizes e Bases da Educação**, está a questão da concepção humana e social da vida e, especificamente, da educação em face à concepção marxista, socialista, comunista, materialista, aspectos todos esses que essencialmente são **uma só coisa** e se cobrem do equívoco vocábulo "democrático", capaz de todos os mais disparatados conteúdos.

2. É uma **atrocidade dirigida**, tem **donos** susceptos, perversos, e é antinacional; pois a Nação é católica. E o Estado que se diz "democrático", representa a Nação, ou é intruso, estanque, incomunicável em relação a ela, impondo a filosofia totalitária dele, Estado intruso, contra os sentimentos, a concepção, a mundividência nacional.

3. É da máxima importância não errar na educação, como não errar na direcção para o fim último com o qual está conexa íntima e necessariamente toda a obra da educação. Na verdade, consistindo a educação **essencialmente** (grifos nossos) na formação do homem como ele deve ser e portar-se, nesta vida terrena, em ordem a alcançar o fim sublime para que foi criado, é claro que, assim como não se pode dar verdadeira educação sem que esta seja ordenada para o fim último, assim na ordem actual da Providência, isto é, depois que Deus se nos revelou no Seu Filho unigénito que é o único "caminho, verdade e vida", não pode dar-se educação adequada e perfeita se não a cristã! **Divini illius Magistri**, III, XI.

4. Excusa, pois, dizer que o homem não deve ser educado para o **democracia**, tenha que sentido tiver esse vocábulo politicamente demagógico, mas para **TODA A VIDA**, actual e futura. Assim pensam pelo menos os católicos, dos brasileiros, católicos, cristãos em geral e alguns outros.

Aliás, afirma um dos conteúdos do **barulho dirigido**: "Em bloco, o substitutivo do projecto de **Directrizes e Bases da Educação Nacional** persegue uma filosofia da educação, que lhe é imane, avessa à educação democrática". E, afinal de contas, que se entende por educação "democrática". Trata-se de "uma filosofia oficial não expressa mas imperativa, imposta em sua natureza e laicizante em sua operatividade, no tocante aos métodos de ensino". Vê no substitutivo contra as ideias falsas na educação. Uma espécie de homenagem a valores básicos à Igreja Católica, dos quais compartilham a maioria dos brasileiros. No fundo, porém, — diz ele — trata-se de uma subversão. O Estado Democrático deixa de consagrar a filosofia da educação que lhe é própria (grifos nossos), substituindo-a por outra que lhe é adversa, embora professada, confessionalmente, por quase toda a Nação" (Florestan Fernandes, "Em defesa da escola pública, II", "O Estado de São Paulo", 6-2-60).

5. Ignoram, todavia, os adeptos da educação **laicista e laicizante** e a sua falsa filosofia o sermos possuídores pelo menos quadricentenários de outra filosofia da educação (a verdadeira) anterior ao Estado liberal e democrático: a filosofia formadora da Nação; começa com as ordens religiosas, e especialmente os jesuítas, que dirigiam "escolas públicas", no século 16. Formava os homens para a Vida Total e não só "para a democracia" que hoje cada qual entende de um jeito, desde o róseo liberal até ao nazista e os rubros bolchevistas e seus demo-populares.

Do resultado da "filosofia democrática do ensino", **laicista e laicizante**, resultam as imoralidades generalizadas em todas as classes e até na adolescência e juventude. Da tradicional, testemunha o liberal Tristão de Alencar Coutinho, tratando do Brasil Provincial ou Português, errada e oficialmente denominada "colonial":

— "Tal era a administração civil e criminal da capitania (do Ceará) nos tempos coloniais (sic)".

E ao terminar este capítulo não podemos preterir uma observação, cuja admiração como em tão vasto território e no seio de tão disseminada população, mantinha o governo a ordem social e o policiamento dos povos.

"So explicamos o fenómeno pelo influxo da religião, a qual actuando directamente sobre os indivíduos, diminuía a necessidade da continua acção da autoridade civil. Vemos, que hoje (O autor escrevia em meados do século 19) os meios da autoridade são imensamente maiores; e só pela constante vigilância e coacção dessa mesma autoridade consegue-se a paz social, que nem por isso dêse muito da dêsses tempos da nossa pristina administração pública em seus efeitos gerais.

"Se hoje tivéssemos a mesma salutar influência religiosa por via de um poderio moralizado, o governo necessitaria de menos acção repressiva, e teria facilidade de aplicar a outros ramos da felicidade geral tantos recursos empregados no policiamento das localidades. A MORAL RELI-

GIOSA SUPRIA O EMPRÉCO DA ACCÃO FISICA" (História do Ceará, Fortaleza, 1958, 2.ª edição).

Pedagógica e moralmente o Império representava uma decadência em relação ao Brasil Português, pois recebera já este, desde meados do século 18, a peste desfechada pelo liberal-déspota Marquês de Pombal, de que deriva a filosofia da educação do Estado democrático.

Portanto, "A escola feia não é, no Brasil, uma aventura a correr. A delinquência moral, com suas lastimosas repercussões na vida doméstica, profissional e política do país, por todos unanimemente observada e atestada, aí está a denunciar as consequências funestas de uma escola sistematicamente incapaz de formar as consciências para a fidelidade ao dever". (P. Leonel Franca, "Ensino religioso e ensino feio", Rio, 1931).

6. Estulticia imperdoável é insistir em experiência fracassada. Cumpro afinal aprender, já que se errou. A tal filosofia democrática da educação só tem formado, em todas as classes da sociedade, imorais e play-boys ou teddy-boys como preferem os anglo-falantes.

Não pode a Nação, organismo vivo anterior ao Estado "democrático", permitir continue um perverso sistema a impor-se-lhe contra os seus supremos interesses. O substitutivo está certo. E nisso os deputados cumpriram o seu dever. Certos estamos de que o outro órgão legislativo fará o mesmo. Não se compreende o Estado contra a Nação, a esposar doutrinas abomináveis às suas crenças, à sua filosofia da vida.

7. Mas são uns engraçadinhos esses "democráticos". Não fomos nós que inventámos esse governo de "maiorias" que está aí, dotadas da facilidade de criar o bem e o mal com papeletas eleicoeiras. São eles, **democratas**, os autores das regras do jogo. Se, porém, as ditas os decepçionam, querem estrilar. E estrilam mesmo. Confessam no entanto que somos a **maioria**. Por que reclamam? Por que fecerem à violência contra direitos líquidos?

Na democracia (dizem) a maioria faz a lei. E querem que o Estado, simples delegação dessa maioria, faça as leis contra os sentimentos, os pensamentos, a filosofia, a concepção dela. E, pior ainda, exigem que esse Estado, como se fora um ser subsistente por si só, sem dar satisfação àquela de que é mero procurador, lhe **impeña**, como o faz de 1889 a 1930, a sua filosofia da educação, a sua filosofia da vida, o seu totalitarismo, dêse Estado "democrático", o seu absolutismo pedagógico, a despeito do tamanho gasto da palavra liberdade.

Pura tirania, puro estatismo, pura atitude maçônica, marxista, fascista, nazista, socialista ou comunista, pois são todos esses, com a sua "democracia", farinha do mesmo saco.

8. Iludem, apesar disso, a mocidade, generosa sempre, as mais das vezes ingénua, mas também hoje excluída às raras excepções, interessada em proventos imediatos — mal do ambiente nimio materializado, — subculto, inculto e ignorante dos grandes problemas fundamentais. Dadas essas circunstâncias e outras mais convergentes, seria até possível, mercê da atmosfera pre-eleitoral da campanha "dirigida" do Escuro Interessado, voltassem atrás os legisladores sem carácter, sem fibra e demagógicos... contra os verdadeiros interesses nacionais, tanto mais quanto os donos da matinaça acenam para uma gratuidade do ensino que aliás se não confunde **necessariamente** com absolutismo pedagógico estatal. Escola pública é uma coisa... e não está em questão. Absolutismo escolar do Estado é outra. E calamitosa!

Bem sabem disso... e de outras coisas os donos da campanha. E também nós sabemos.

Para nós são segredos de polchinelo.

Derrotados no Franca idênticos "dônos" de lá, repete-os a macacada "democrática" do Brasil.

Cuidado, senhoras macacas! Já não são possíveis, cá no Brasil, as velhas tiranias hipócritas. Estão mudando os tempos.

Arlindo VEIGA DOS SANTOS
Chefe Geral Patrianovista

LEIA

Filosofia Política de Sto. Tomás de Aquino
de A. VEIGA DOS SANTOS
nas Livrarias

QUANTO MELHOR, MELHOR!

"Quanto melhor, melhor!" é o que desejamos os patriarvitas, pois toda desgraça do Brasil é desgraça pessoal de cada patriota, de cada brasileiro verdadeiramente nacional.

Assim sendo, regozijamo-nos com triunfos benéficos ao Brasil, ainda procedentes de autoridades republicanas, pois não somos inimigos das autoridades brasileiras mas da república que nada tem que ver com o Brasil.

Abatem os devidos descontos a muito do que vai pelas "metas" (embora lhes desejemos êxito total), por "conhecermos" as demasiadas "mameladas" contra o Brasil, os saques dos mares industriais estrangeiros e as transferências dos nossos bens para as mãos internacionais. Ficam, apesar de tudo, aqui os nossos louvores aos esforços de libertação que, com república, não podem fugir desses percalços e da fatal demagogia demorepública.

O que, porém, não admitimos é ignorarem as realizações dos nossos Antepassados na Monarquia (1500-1889), por exemplo no capítulo de construções navais.

"Como nação, — diz Pedro Brando no seu livro Por que não temos construção naval? — estávamos absolutamente actualizados e construíamos as nossas embarcações de acordo com as normas e práticas coetâneas.

"Estabeleceram-se os primeiros estaleiros na Baía, em Pernambuco, na baía do Rio de Janeiro, na enseada da Ponta d'Arca e em Jurujuba.

"Famos, portanto, construtores navais no Brasil Colônia" (sic). Edição Pongetti, Rio, 1958.

Entretanto, pelo que ora se lê nos jornais, parece iniciar-se a construção naval brasileira com os actuais estaleiros sémi-estrangeiros. Per que não se diz a verdade?

Em nossa "Orgânica Patriarvita" (1950), pp. 91-92, publicamos isto:

"Em 1889 funcionavam cinco estaleiros no Brasil: no Pará, Pernambuco, Baía, Mato-Grosso e Rio. Falando d'isto, diz Alves Barbosa: "Durante muito tempo só se construíam os navios de madeira (Era a técnica da época, PN). De há tempos para cá, porém, puseram-no em condições de construir navios de ferro e aço, e essa transformação rápida confere a maior honra à inteligência e aptidões profissionais do pessoal do arsenal. Em menos de dois anos, crearam-se novas oficinas para as construções metálicas, os operários adaptaram-se maravilhosamente a essa evolução e vários navios de ferro e aço puderam, desde então, ter início com bom êxito. Neste momento, o arsenal constrói um cruzador de primeira classe, de aço, o Almirante Tamandaré, que terá 4.500 toneladas de deslocamento! (Vide Santa-Anna Nery, Le Brasil em 1889).

"Assim, ora o Brasil qualificado no 2.º lugar, depois da Inglaterra, na arte de construção naval (Segunda exposição de Londres, 1862); considerava-nos a Prússia a organizar a sua esquadra e o Brasil colocava-se à paria no lugar de 3.º e 2.º potência naval do mundo".

Não acham importante que à povo, e especialmente a nossa mocidade, saiba disso?

O POVO E O VOTO

Nunca se viu um povo sair espontaneamente à rua para gritar que quer votar, que quer eleições.

Que quer pão, que quer justiça, que quer barateamento do custo da vida, castigo para os injustos, os aproveitadores, os ladrões, os opressores, etc., etc. . . . isso é comum na história.

Aqui mesmo em S. Paulo, diante da assembléa legislativa, deputados não puderam falar na "sessão extraordinária" que a população revoltada convocou... só o conseguindo oficiais do Exército Brasileiro.

Foi sintomático. O mesmo tem acontecido em todo o Brasil contra os demagogos partidistas inventores da besteira de que o povo quer votar. . .

O povo evidentemente (mostram os factos "republicanos") quer ver a caveira dos votados. . .

Sem Comentário. . .

"Por aquêles dias não havia Rei em Israel; cada qual fazia o que lhe dava na cabeça". Juizes, 17. 6. Seguem-se no texto as desgraças acontecidas "por aquêles dias".

SERMÃO AOS INOCENTES

Embora estejamos no século dos engenhos cósmicos teleguados, louvado seja Deus — ainda há por aí muito inocente. Tão inocentes, pobrezinhos, que nos causam dó. Verdaderamente, não são d'este modo. É o pior de tudo, ainda, é que nos julgam por si mesmos, procurando nos impingir, como sérias, certas "tiradas" de políticos, que no mundo da lua poderiam ser levadas a sério.

É o que se dá com um pobre republicano, de meu conhecimento que teve a ingenuidade de pretender, um d'estes dias, vencer-me os argumentos que mostravam não terem, na Ré pública, o presidente, os governadores e prefeitos, as mãos livres, para governar, mostrando-me o recorte do jornal de São Paulo, com o título: "Não admitirá Lott eleito" que Partidos mandem nos ministérios". Diz a notícia, transmitida do Rio, pela sacural do referido jornal que o Marechal, em conversa informal, teria dito isso. Lendo tal notícia verifico — por infelicidade do tal republicano, não sou analfabeto — uma série de contradições e incongruências atribuídas ao Sr. Marechal Teixeira Lott, de cuja autoridade absolutamente não me convenço, pois é ele uma pessoa normal, equibada, de bom senso, embora, desgraçadamente, mal informado com referência às qualidades (más qualidades) inatas ao regimen republicano, qual regimen S. Excia., por isso mesmo, defende com tanto vigor.

Afirmo, para que tomem boa nota os inocentes republicanos (tute, tu indíteis) que não há, nunca houve e jamais haverá, presidente, governador, ou prefeito republicano, que consiga escolher livremente os seus ministros, secretários, ou simples auxiliares subalternos, sem a audiência dos partidos todo-poderosos. Nem MESMO NA DITADURA o fez o tal Sr. Getúlio Vargas, o que facilmente se prova pela necessidade que teve de corromper a oposição — para poder mal governar — nomeando quando esta se fazia mais veemente, alguns dos seus elementos mais fustios, para cargos da alta administração do país, embaixadas, etc. O mesmo aconteceu com o Sr. Marechal Dutra; idem, com o Sr. Juscelino Kubitschek; o mesmo terá de fazer o Sr. Marechal Teixeira Lott, ou Sr. Jânio Quadros, ou, . . . o Sr. Broderodes, seja qual for o próximo a ser guindado à curul presidencial republicana, nas próximas eleições. . . . Se ellas se realizarem, bem entendido. . . .

Além disso, os presidentes, governadores e prefeitos, simples administradores da coisa pública, só a podem administrar bitolados pelo orçamento que lhes é fornecido pelo Congresso, Assembléa Legislativa, Câmara Municipal, respectivamente e, este, quando não é transformado por êsses organismos (micro-organismos, seria melhor dizer, tal a pequenez da sua obra. . .) em verdadeiras "colchas de retalhos" sujos e fedorentos, certamente, pelas condições impostas para a sua aprovação, e constituem em verdadeiro "abacaxi" de difícil descaque. O deputado "Wagner Estelita, presidente da comissão de orçamento da Câmara Federal, em Agosto do ano passado (Correio Paulistano, 22-8-59) declarou: "Não é o orçamento uma criação harmônica que se renova todos os anos para servir ao povo, mas um campo de luta de prestígio e vaidades". Para aprová-lo, de acordo com os programas, ou, . . . os desejos mais ou menos honestos, ou desonestos dos governantes — isto pouca diferença faz, o processo é o mesmo — êstes precisam. . . corromper os deputados, ou os vereadores até mesmo os dos seus próprios partidos, isto é, o deputados, ou vereadores da situação. É recente o caso do Plano de Ação do governo de São Paulo. Para conseguir a sua aprovação pela Assembléa Legislativa teve, o governador Carvalho Pinto, de se comprometer a dar a cada deputado da dita assembléa se compõe de 75, a maioria do plano governo. . . o direito de aplicar três milhões de cruzeiros de orçamento nas obras que os ditos cujos ordenarem que sejam feitas em seus velhacutos eleitorais. . . sem o que não aprovavam o tal plano! E de estarrecer, não há dúvida!

Por sua vez, os membros das Câmaras e Assembléas (que se chamam a si mesmos de "nobres", mas de nobres não têm nada, pois não passam, em sua gritante maioria, de retirados malandros e velhacos. . . para terem as mãos livres nas suas malandragens, corrompem, através das respectivas mesas, os jornalistas nelle acreditados, para que não divulguem ditas bandalheiras em sua "imprensa livre". O "O Estado de São Paulo", de 2 de outubro do ano passado, comentando o pedido dos jornalistas cariocas, através de seu sindicato, para obterem carros financiados pelo IAPC e pelo Banco do Brasil disse que ". . . há poucos meses, publicamos diversos comentários a propósito das escandalosas gratificações que a Câmara Municipal de São Paulo vem proporcionando, mensalmente, através dos repórteres. . . gratificação, neste caso, significa tentativa de suborno". O que "O Estado" disse, entretanto, não é tudo, pois sabem que vários jornalistas da Assembléa estão lotados em repartições públicas estaduais, como directores, ganhando mais de 40 mil cruzeiros por mês sem lá aparecerem senão no dia do pagamento, assim corrompidos por fazer vistas grossas aos escândalos e bandalheiras perpetradas pelos tal "nobres" deputados. É isto, senhores inocentes, acontece por tal o Brasil. Por essas e mais asneiras é que o tal de "imprensa livre" recruta IMPUNEMENTE por êsse Brasil a fora, não se cansa de aprovar

ALMAS DE JUDAS

"Existem homens que são prestativos e outros que sef vem mirando um interesse oculto. Dêstes últimos, convém estudar a alma e precaver-se contra os golpes que desferirão".

"Revista de Higiene", n.º 19.

os quatro ventos, as "virtudes" do regimen corrompido e corruptor, me-
 rita dos olhos dos malandros e safados, paternalistas petroleiros de tal im-
 pensia e tais jornalistas, que estampam em seus paizinhos — pois amem
 com amor se paga — manchetes como estas: "Proclamada a necessidade
 de uma ação em defesa do regime!" Inútil lhes interessa defender a Pátria,
 a Nação, o seu erário, MAS o regimen!; "As franquias democráticas de-
 vem ser preservadas a qualquer custo" (Claro! isto para eles é uma ques-
 tão de vida, ou de morte, pois seria uma desgraça perderem a "manan-
 ta" . . .); "Devemos sustentar as instituições indiscutivelmente combati-
 das" (já alguém viu alguém sustentar, isto é, conservar, fruta pôdre?
 Quando está combatida, joga-se fora. E' o que se precisa fazer com esta
 truta pôdre de nome RE Pública!)

E' incrível — e muito mais: é imoral — mas, pelo exposto se com-
 prende que, apesar de conhecerem as mazelas deste pútrido regimen,
 homens de responsabilidade nos governos, ou na imprensa, continuam a
 querer a continuidade dessa espelunca, que só tem desgraçado o Brasil,
 desde que os INOCENTES de 89, para desgraça da Nação, a proclamaram.
 Salvam-se, de quando em quando, algumas horribas vozes isoladas,
 como a do Sr. Francisco de Paula Vicente de Azevedo (Spectator), M. D.
 Secretário da Fazenda do governo de São Paulo (Correio Paulistano,
 21-11-59) que, ao ensejo do 15 de novembro, disse o seguinte: "Trans-
 corre apagada e melancólica a data de 15 de novembro; é as próprias
 manifestações oficiais, girando tôdas em torno da tese da necessidade de
 preservar o regime, bem denotam que este não se apresenta com as carac-
 terísticas de pureza, segurança e garantia, que o largo lapso de tempo
 deveria ter consolidado e apurificado. A proclamação da República no
 Brasil, pondo fim a uma era em que o respeito à autoridade, à lei e ao
 direito era plenamente assegurado . . . poderia ter sido evitada . . .
 etc . . ., pois . . . "o povo, que "assistiu bestificado ao movimento, no
 dizer de ilustre paulista contemporâneo, respeitava o regime em que o
 país, internamente gozava de ordem e tranquilidade, de honestidade e
 exação no cumprimento do dever, e externamente se cobria de glória e
 se impusera às demais nações pelo aprimoramento de seu modo de pro-
 ceeder e do acatamento às superiores normas do direito internacional".
 (Esta até parece a descrição do Brasil subdesenvolvido de hoje . . .)

Convidamos os INOCENTES de hoje a ler estas cousas, para deixin-
 tem de ser . . . inocentes. (Perdoem-nos os nossos leitores estas expres-
 sões duras, pois a nossa revolta, por todo o mal que têm feito ao Brasil,
 com essa maldita instituição republicana, não nos permite usar de pala-
 vras mais brandas. O momento que estamos atravessando não se presta
 à burrice, ou à covardia moral dos que, por interesses escusos, ou com-
 edimos mal disfarçados, não têm a coragem necessária para dizer a ver-
 dade e o que pensamos).

Para estes ingênuos, ainda, transcreveremos mais estas palavras estam-
 padas no "O Estado de São Paulo", do próprio dia 15 de novembro do ano
 passado (fazê-mo-lo por ser este jornal republicano por excelência e, por
 isso, mais valor confutante terem elas), as quais soam como dobre de
 "ladinos do maldito regimen que, apesar de tudo, tanto defendem: "Há
 setenta anos, precisamente, mercê de uma quartelada, implantava-se no
 Brasil o regime republicano, que pôs fim à estabilidade institucional, que
 caracterizou o Segundo Império. Nestes setenta anos, as instituições
 republicanas não se firmaram, nem se cristalizaram e o País vem passando
 por uma série de crises, que têm servido para desacreditar o regime . . .
 apesar de crescente descontentamento pela República, o nosso povo ainda não
 manifestou o desejo de mudar as instituições (Pergunto: através de que
 imprensa, ou rádio, poderá fazê-lo? . . .), de derivar para a direita ou para
 a esquerda . . . mas, se esta última esperança (que o referido jornal
 apregoa agora, como apregoa sempre às vésperas de TÓDAS as eleições,
 ter um certo candidato às próximas ditas cujas . . .) também malograr,
 então mais do que possível é muito provável que o povo passe a desejar a
 mudança do regime, a derrocada das instituições, a modificação da ordem".
 (sic — que ordem? A desordem organizada? . . .)

Leram bem? Sobretudo, compreenderam? Apesar das conclusões
 chuchas, (mas dentro da linha lógica do referido jornal), pode-se ler nas
 entrelinhas o cair das calças, através das fendas que de há muito estão
 abertas no edifício combatido, desengonçado e permeta, que os inocentes —
 úteis, ou inúteis, não importa — ajudaram os safados e os traidores, a
 construir em 89.

DECLARAÇÃO ATREVIDA. . .

A AIPB declara, a todos aquêles a quem tal
 possa interessar, que, na hipótese da próxima
 instauração do Império Patrianovista, não serão
 reconhecidos válidos perante a Nação enfim redi-
 mida (haja o que houver) todos os actos nocivos à
 honra, à dignidade, à liberdade, à economia e à
 independência nacional — actos êsses produtos do
 servilismo da república anti-nacional, totalitá-
 riamente imposta em 1889 à Pátria Imperial Brasilei-
 ra, possuidora de tradições monárquicas integrais
 de mais de seletentos anos.

Quem será capaz, depois disto, de dar "10 réis de mel coado", por
 essa porcaria que está aí, a cair de pôdre e de sujeira?

Aos inocentes de todo o Brasil — que os há em abundância em tôdas
 as classes — especialmente aos que militam nas gloriosas e IMPERIAIS
 Forças Armadas do Brasil quero, finalizando, fazer mais um apêlo: olhai
 para o nosso Passado, para a nossa história — de 1822 até estes mal parados
 dias — para verdes, qual dos dois regimens engrandeceu o Brasil; qual dos
 dois o levou ao descalabro financeiro, económico e político; qual o degradou
 frente às demais nações do mundo, a ponto de ter sido uma potência
 internacional de primeira grandeza e hoje não passar de um pobre e
 ridículo país subdesenvolvido.

Breve estareis em um beco sem saída. Os acontecimentos que se
 aproximam célere e inexoráveis, vos obrigarão a decidir: entre o bem e o
 mal; entre a grandeza e a desgraça do Brasil; entre o IMPERIO e a RE . . .
 pública, seja ela DEMÔNIO . . . crítica, SÚCIA . . . lista, ou URSUTA. Nesse
 momento crucial, por qual vos decidireis?

Se voltardes, desde já, os olhos para a nossa história passada, cheia
 de glórias e grandeza e a confrontardes com a dos últimos 70 anos —
 cheia de mistérios e capitulações odiosas — vereis que será fácil decidir.
 Se attendêdes a este apêlo não tenho dúvidas, não falhareis na vossa
 sagrada e histórica missão de salvaguarda do Brasil (não do regimen!),
 instaurando, nesse preciso momento, o regimen que foi o fautor ÚNICO
 da nossa grandeza passada e que será da grandeza futura, repouso o
 eterno Brasil, no caminho seguro dos seus gloriosos — e pela RE pública
 frustrados — destinos IMPERIAIS!

José de OLIVEIRA FINHO

ACOMPANHANDO O "REALEJO" . . .

Por ser "novamente" actual, republicamos a advertência
 que fizemos em nosso número de outubro de 1955 (Atenção
 para a data!):

"REVOLUÇÃO. — Este artigo em tipo mí-
 nimo é o mais importante d'este número.

Estamos em vésperas de outra revolução. E
 não é a tal revolução "pelo voto" em que não
 creem os seus próprios corifeus. Mas revolução
 para quê? Para continuar na república e demo-
 cracia de palhaçadas eleitorais — culpadas do
 caos, da confusão, da desordem, da ausência de
 hierarquia, da indisciplina, da desorganização, da
 miséria, da exploração fiscal e do servilismo do
 Brasil perante as potências multiformes interna-
 cionais? Para continuar o jogo criminoso capita-
 lismo-marxismo?

Isso é mera sedição de ambiciosos vulgares.
 Revolução verdadeira no Brasil, só pela Mon-
 arquia!

O resto é chantagem para desembocar numa
 constituição idiota e recomeçar todos os erros e
 crimes anteriores que novamente levarão a outra
 sedição estúpida".

Leram bem? Dissemos o mesmo em 1930, em maio de
 1932, em vésperas de novembro de 1935, em 1945, etc. . .

Dizem que somos visionários.

E os erros políticos dos pretensos sábios se multiplicam.
 Mas quem os paga somos nós — o pacientíssimo Povo Bra-
 sileiro.

TRADIÇÃO

Hoje como no passado, toda manobra contra a lusitanidade funda-
 mental do Brasil destrói a sua brasilidade. O mesmo coincide com a nossa
 catolicidade. No passado, lutámos contra ingleses, franceses, holandeses e
 até contra castelhanos. Hoje, a estupidez e indistinção da república
 ameaça-nos com servilismo a cidadãos estrangeiros, tristes internacionais,
 excessos imigratórios heterogêneos em regiões de escassa demografia na-
 cional, tudo acrescido da inata fraqueza, improvidência, imprudência,
 malidade e insegurança do estadinho republicano que aí está. Pois a
 república (diximo-lo desde 1929) é dissolvente, anti-nacional, separatista.

Precisamos do Estado forte, nacional, responsável, continuo, prudente,
 previdente. Quer dizer, precisamos do Império Orgânico.

REZAI PELA SALVAÇÃO DO BRASIL, E DEUS
 NOS APRESSARÁ O ADVENTO DO IMPÉRIO
 ORGÂNICO PATRIANOVISTA, MISSIONÁRIO.

REPÚBLICA

"Somos uma terra infeliz de políticos totalmente desocupados, porque indiferentes à solução dos problemas da formação brasileira". — Assis Chateaubriand. "Diário de São Paulo", 29.11.59.

GOVERNO E MILICIA

Não é desrazoado, ao encerrar-se este estudo, considerar que o maior mal do Brasil, reflectido inexoravelmente em sua evolução militar, tem sido e insuficiência da cultura cívica dos que se dizem ser a elite, pelo que se fez hábito aqui considerar o Estado como propriedade dos que detêm os seus poderes, como um elemento, superposto à Nação e destinado mais a servir-se dela do que a servi-la e do qual os indivíduos que emprega mais se servem do que o servem... Os organismos que mais se ressentem de tais falhas, são naturalmente os das instituições militares e todos mais que interferem com a preparação da guerra. Esta é, principalmente hoje, na era industrial, um momento de intensa vida nacional, no qual todos os elementos de força do país, **morais e materiais**, devem poder entrar em jogo e desenvolver-se coordenadamente. Requer boa previsão, melhor provisão, tudo sem nenhum descuido quanto aos deveres cívicos, no exercício corrente das funções públicas, políticas ou administrativas. Deveres convenientemente compreendidos sem **retardos mentais ou hábito de procedimentos** que ofereçam resistências **aos avanços da civilização**...

Cel. J. B. MAGALHÃES, "A evolução militar do Brasil", Biblioteca do Exército Editora, 1958.

O mal, os malvados trabalham contra o bem, contra os cristãos, contra o Brasil, contra a humanidade toda, e especialmente contra as Nações Hispânicas, em escala mundial. PÁTRIA-NOVA pretende, em sua pequenez mas com a ajuda de Nossa Senhora de Fátima, pelear contra o mal e os malvados também em escala mundial.

A república é, ordinariamente, o regimen da liberdade de todos os malfeteiros privados e públicos.

A "BARATEZA" DA REPÚBLICA

"... Todos os argumentos, pois, militavam no espirito dos ideólogos em favor duma República — mesmo a sua **barateza**, pela supressão da lista civil (argumento que impressiona as classes comerciais). Com efeito, o Presidente dos Estados-Unidos pouco mais ganha do que um ministro no Rio-de-Janeiro: MAS OS BRASILEIROS IGNORAVAM (como nós, de resto, na Europa, imperfeitamente sabíamos antes da publicação do livro do americano William Ivis, **Machine Politics and Money in Elections**) que a eleição do Presidente dos Estados-Unidos custa cada quatro anos mais de NOVENTA MIL CONTOS, o que, dividido pelos quatro anos que dura um Presidente, dá VINTE E DOIS MIL E QUINHENTOS CONTOS por ano — soma amplamente suficiente para pagar todos os soberanos da Europa e o seu luxo, incluindo o Sultão e o Papa."

São palavras de Eça de Queirós, nas "Cartas inéditas de Fradique Mendes", artigo "A revolução do Brasil". Daí se vê a imensa ignorância dos lunáticos propagandistas da ré... que nada sabiam do seu **funcionamento** e mazelas congênicas na "livre América"... de que excluíam o Brasil por ser DIGNAMENTE o único IMPÉRIO, fiel às suas tradições raciais e institucionais. O argumento dos bocós da propaganda era que devíamos imitar os Estados-Unidos e as infelizes repúblicas ibéricas... aderindo à ré... Veio a grande desgraça através de uma traição... A ré está a ré... Tudo barato, vida barata, com os donos dela ganhando uma ninharia... (há-os que **ganham**, mensalmente, não se sabe como nem por que, **sómente** 200 contos de cruzeiros!). Não há inflação, não há ladrocinha, não há fome, não há injustiça, não há vergonha... Viva a república!

TRISTES VERDADES

Estas nossas últimas gerações, formalmente piedosas, são de facto naturalistas e subestimam o valor da oração. Ignoram praticamente que, onde falha e é incapaz a natureza, ainda há a possibilidade REAL da intervenção divina para aqueles que podem com fé. Se és um desses naufragos do naturalismo prático, experimenta e verás.

S. José do Barreiro e o Encerramento do seu 1.º Centenário, em 25 de Dezembro

Celebrou-se deslumbrantemente a Missa do Galo, depois de o Pároco se fazer ouvir sobre o programa de encerramento do Centenário no dia 25, na linda Matriz toda iluminada por dezenas e dezenas de lanterninhas multicores, presentes numerosos fiéis e povo em geral.

No dia 25 à tarde houve farta distribuição de presentes às crianças. O Largo da Matriz, nesse dia, ia se achava todo remodelado, tendo sido construídos e ali assentados, numerosos bancos com inscrições dos nomes das pessoas e comerciantes doadores. A remodelação ficou pronta exatamente no dia 24, conforme promessa do Prefeito da cidade, Prof. Aureliano Silvério Gomes dos Reis.

No período da tarde chegou de Areias, cidade vizinha, garbosa banda de música, cujos componentes, devidamente uniformizados, iam no momento oportuno tocar, por eles elaborado, o Hino do Centenário.

As 19.30 horas saiu da Igreja a procissão do Menino Jesus, percorrendo as principais ruas, notando-se avaliado número de pessoas provindas de toda a zona do Município, bem como de outras cidades, que vieram trazer o concurso de seus aplausos ao Centenário.

Na porta do majestosa Matriz, exteriormente iluminada a fachada, em cujo pínculo acautelava, entre as torres, uma Cruz luminosa, e na parte inferior janelas abertas apinhadas de convivas, de onde prendiam fios ligados ao Alto Falante, foi erguido, por baixo do Brasão da Cidade, ali colocado em 9 de Março, data de início o Centenário, um Altar provisório para no momento da chegada da procissão se colocar o SS. Sacramento a fim de dar a bênção ao povo, o que se verificou mais ou menos às 20 hs., presentes a **Schola Cantorum** e os músicos de Areias.

Terminada a bênção pelo Revmo. Cônego Benedito Gomes França, auxiliado, pela ordem dos trabalhos, a extraordinária alocação do Exmo. e Revmo. Sr. Cônego João Hínolito do Moraes, Cura da Catedral de Lorena. S. Revma., em sua pregação, fez encômios aos intelectuais da cidade de S. José do Barreiro, aos seus artistas, aos seus mestres, aos das ciências Thomens que honraram a cidade no passado: Dr. Miguel Pereira, cujo monumento se ergue no centro daquela Praça e muitos outros de saudosa memória! Era-lhe grato lembrar Avelas vultos num dia de Festas da Igreja, em que se celebrava o nascimento do Menino Jesus em todo o orbe da Cristandade.

Terminado o sermão, ouviu-se, pela Banda de Areias, o Hino do Centenário.

A seguir, pelo Prefeito da cidade, foi dada a palavra ao Prof. Arlindo Baptista Pereira, do Conselho Patrimonista de S. Paulo, para dissertar sobre a inauguração da PLACA AOS EXPEDICIONÁRIOS BRASILEIROS.

Falando ao microfone instalado na portaria da Igreja à imensa multidão concentrada naquela Praça, recorda o orador a transcendental importância do Centenário, afirmando que S. José do Barreiro sempre foi um clã de gloriosos momentos mais decisivos da Pátria. Quer seja na contribuição de homens para a guerra do Paraguai, quer na última guerra

na Itália. Pois, quando se desenhava nos horizontes da Pátria o desencadear de uma nova guerra mais catastrófica para o mundo, do que aquela que se verificara em 1914-1918, nos campos da Europa, já em luta activa com os Países do Eixo, milhares e milhares de moços deste continente se entileceram atendendo ao clarim do chamado da Pátria.

Caxias, o grande Soldado do Brasil, que teve sua formação no Império, era então convocado como incentivo, senão como modelo de bravura à nossa gente, à nossa mocidade, que não podia deixar de responder à altura, às ofensas contra nós atiradas. E reporta-se ao 22 de Agosto, a contribuição da Faculdade de Direito de S. Paulo, tradicional estabelecimento de ensino, que tantas páginas de civismo tem escrito na história da Imperial Cidade de Piratininga, na qual se ouvia diariamente a portentosa palavra de um monarquista, o Dr. Ataliba Nogueira, natural de Campinas, a Princesa do Oeste.

Conclamava, afirma o orador, o eminente homem de letras jurídicas, os brasileiros para a defesa da Pátria. E, sob a égide de Caxias, levando na direcção o Comando de Mascarenhas de Moraes, se formou e partiu para a Europa, a Expedição Brasileira. Lá barreirenses e colegas de campanha, olhos fiéis na Bandeira do Brasil, tremulando ao alpor das ventanias como que incentivando nossos soldados à luta, legaram-lhes os gracinhas dominatórias as posições até o próprio inimigo, contribuindo eficazmente para pôr término à guerra, término esse que redundou com a prisão **in totum** pelos brasileiros da 148.ª Divisão Alemã, experimentada e laureada em várias frentes do batalha, notadamente na histórica Estalingrado, onde não foi vencida, para se render às nossas tropas, causando o fato assombroso das Grandes Nações em luta.

S. José do Barreiro ganhou a glória de figurar na História do Brasil, perdendo todos os seus filhos que convocados para lá seguiram, nem mesmo voltando o seu Comandante, Alberto Silvério Gomes dos Reis. Ninguém voltou. Todos pereceram. E afirma o orador **ipsis verbis**: Muitos dos nossos soldados morreram, porém tombaram sorrindo ante a visão de um dia melhor para o mundo, especialmente para o Brasil. Mas aí está a República contrapondo-se ao imenso sacrificio. Ela desmoraliza as Forças Armadas, embora haja no seu bojo, por ignorância e no interesse próprio, cabelludo em sua defesa. Outros de outras regiões do País voltaram saudosos para seus lares a rever seus entes queridos, por tanto tempo abandonados. Ficou aqui, bem junto de nós, conosco morando, a sombra de nossas casas, a cidade dos que deram a vida pelo Brasil. Com essas palavras deu o orador, por inaugurado, o bronze aos Expedicionários!

A seguir S. Excia., o Sr. Prefeito da cidade, cultuando o passado, pronuncia longa oração, que é, em seu término, muito aplaudida. E oferece o Centenário da Cidade ao Revmo. Cônego Benedito Gomes França. Com a queima de valiosos fogos artificiais e mesmo bailes na cidade, deu-se por encerrado o Centenário.

Reportagem de "Monarquia".